

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março 1995



AMAR A VIDA

**Uma Nova Perspectiva
da Existência
à Luz da Palavra de Deus**

Evangelização 1995

NESTE NÚMERO

- 2 **Temas Para 1995**
Por M. R. Baptista
- 3 **Amar a Vida**
Por Joaquim Dias
- 6 **Porquê uma Assembleia da Conferência Geral?**
Por William G. Johnsson
- 8 **Ser Política (ou Teologicamente) correcto**
Por Robert Folkenberg
- 9 **O Conceito Adventista de Educação**
Por Rogério P. Nóbrega
- 11 **Uma Família Ortodoxa Encontra a Jesus**
Por José Carlos Costa
- 13 **Breviário da Redenção**
Por Jaime Sebastião Madeira
- 14 **Notícias**

PENSAMENTO DO MÊS

Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e os teus descendentes.

Deut. 30:19

TEMAS PARA 1995

Perante a pluralidade de temas que concitam a nossa atenção em 1995, que caminho seguir?

Se para a Igreja Adventista do Sétimo Dia 1995 é o **Ano da Mulher Adventista**, para as Nações Unidas 1995 é o **Ano da Tolerância**, e para a Europa, o **Ano da Conservação da Natureza**. Será que nós, crentes adventistas, devemos ater-nos tão-somente ao tema que a Igreja atribuiu a este ano, ou devemos também dar atenção aos que os dirigentes seculares acharam dever realçar?

Em 1995, desejamos, certamente e como Igreja, homenagear a Mulher Adventista - todas as mulheres que usam este simples e significativo nome, que é vida, missão e testemunho. Mas também queremos dar atenção à questão da tolerância, que reputamos de grande importância na hora presente, face às graves manifestações de racismo, xenofobia e violência. Por outro lado, a conservação da natureza é para nós um dever inalienável. Sabemos, aliás, que Deus destruirá os que destroem a Terra e que um dia Ele fará novos céus e nova Terra (II Ped. 3:13) que será o lar dos remidos. Deveríamos criar oportunidades para no decorrer deste ano reflectir sobre todos estes temas.

A questão da Tolerância pode, porventura, parecer-nos mais complexa e não deixa de ser surpresa o facto desta palavra não ser especificamente mencionada nas Escrituras. *Tolero*, o seu étimo latino, significava "ter de suportar, de sofrer (por exemplo, o inverno, a sede, etc.)", ou "prolongar a vida com alguma coisa, manter-se, resistir, combater". Mais tarde, aparece um novo matiz neste significado: aquele que tolera é paciente, logo "a tolerância é a capacidade (ou paciência) de suportar".

Mas este conceito, referido a seres humanos, é, sem dúvida, estranho às Sagradas Escrituras. De facto, "aceitar com relutância", "suportar com sofrimento" ou mesmo "com paciência", o nosso irmão ou qualquer outra pessoa, está longe do ideal cristão que nos manda **amar o próximo como a nós mesmos**. Nesta óptica, e não desprezando o sentido moderno da palavra, em termos de complacência, compreensão e aceitação, a tolerância é, talvez, o primeiro degrau desse outro caminho ascendente e mais excelente que Deus nos incita a palmilhar: **o amor ao próximo!**

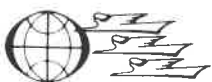
Amar o próximo significaria então aceitar as suas diferenças, desejar-lhe o bem, tratá-lo *como* gostaríamos de ser tratados. A sabedoria popular sintetiza esta conduta numa frase lapidária: "Não faças aos outros o que não gostarias que te fizessem a ti." Mas Cristo vai mais longe, afirmando um comportamento pela positiva, a chamada "regra áurea": "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós" (Mat. 7:12).

Como aferir essa relação com o próximo, particularmente aquele que é diferente de nós - na cor, raça, etnia, sexo, filiação política ou religiosa?

No Evangelho segundo S. Lucas, as palavras de Cristo são assim transcritas: "Como quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós" (6:31). O contexto, particularmente os vers. 32-35, explicita bem a espécie de sentimento que Jesus espera dos Seus seguidores: amor em acção. E o vers. 36 dá a medida desse amor, que deve reger o comportamento dos que têm por missão levar "o Evangelho eterno a toda a nação, e tribo, e língua, e povo": "Sejam bondosos como o vosso Pai é bondoso" (versão portuguesa corrente).

M. R. Baptista

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março de 1995 - Ano LV • Nº 574

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



AMAR A VIDA

Encontro muito feliz o tema - Amar a Vida - proposto para a acção evangelística a realizar nas igrejas adventistas, de 31 de Março a 9 de Abril.

Amar a Vida!

Nada há de mais valioso e mais belo do que a vida, sobretudo quando ela é vivida com amor. Nenhum motivo é mais elevado e mais nobre para pregar o Evangelho do que o de promover o amor à vida, sobretudo porque esta não se limita meramente à actual existência temporal, mas à vida eterna.

Neste propósito de Amar a Vida está envolvida toda a Divindade: Deus é Amor, Jesus Cristo é a Vida e o Espírito Santo, ao convencer-nos do pecado, confirma o amor de Deus e conduz-nos a Jesus, por quem temos a vida eterna, que é um dom de Deus (Rom. 6:23). Como bem descreve William Johnson, dentro deste conceito cristão, "vida é mais do que a mera existência biológica, mais do que meramente boa saúde - vida é o dom da graça. Deus libertou-nos gratuitamente e nós vivemos pela graça desse dom" (*Adventist Review*, 24 de Novembro de 1994, p. 4).

É esta mensagem que vai ser lembrada a cada um de nós, crentes adventistas, e pregada aos demais cristãos e não cristãos durante os dez dias da Acção 95. Há três aspectos que podem ser salientados e propostos como objectivos para esta campanha.

1. "Amar a Vida" deve levar-me, em primeiro lugar, **a amar-me mais a mim mesmo**, pois sou vida, sou uma criatura de Deus. Não se trata de desenvolver o egocentrismo, ou de dar guarida ao amor-próprio, mas de lembrar-me que Deus me ama e me aceita tal como eu sou, e me transforma tal como Ele me idealizou. Sou a vida - um ser - que Ele criou e resgatou por Jesus Cristo. Sou a dracma perdida de quem é dito, "e

achando-a convoca os amigos e vizinhos, dizendo: alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida. Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Luc. 15:9,10).

Deus ama-nos e aceita-nos. Que bom será que esta campanha nos ajude também a aceitar-nos a nós próprios como somos e a compreender melhor quão preciosos somos aos olhos de Deus.

2. "Amar a Vida" deve levar-me, em segundo lugar, **a amar os meus irmãos dentro da igreja**, porque eles são também a vida, (seres) que Deus criou e ama. Amar a vida dos outros implica aceitar e amar os outros como pessoas tal como elas são, porque é assim que Deus as aceita e ama. Esta atitude abarca a dimensão social e fraterna tão importante também dentro da própria igreja. Implica respeitar e evitar tudo o que possa entristecer, ofender, levantar suspeitas sobre a dignidade ou as intenções dos outros. Numa palavra, não destruir, não matar a vida. No sermão da montanha, Jesus chamou a nossa atenção para este perigo, lembrando: "Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; ... Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo e qualquer que disser a seu irmão ... Louco, será réu do fogo do inferno" (Mat. 5:21,22).

Estas palavras de Jesus são sempre oportunas e em primeiro lugar para nós, dentro da igreja. Precisamos de nos vigiar, porque por vezes parece que aqueles que mais amamos são os que mais ferimos, tanto na família como na igreja. Facilmente se insinua a dúvida ou se cultiva o hábito de promover e divulgar o boato. Os danos que daí podem advir são nefastos e destruidores. Sem querer, portanto, e sem saber, podemos, como dizia Jesus, estar a destruir, a matar o nosso irmão.

Durante esta campanha "Amar a Vida", é mais uma oportunidade para contrariar esta tendência humana, renovando a nossa experiência com Cristo e uns com os outros, dentro da comunidade, que é a igreja. Aquele que "está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação" (II Cor. 17,18). Este ministério da reconciliação fará da nossa igreja uma comunidade de amor, "onde as diferenças de raça, de cultura, de vocação, de idade, de temperamento e de nível social não serão motivos de discriminação ou desconfiança, mas oportunidades de enriquecimento mútuo na vida de cada um." (Fritz Guy, "Le malentendu de l'Église", *Servir*, Nº III-1994, p.8.)

Com esta maneira de amar e respeitar a vida do meu irmão e irmã na igreja, as pessoas que nos observam são levadas a pensar e a dizer como no passado: "Vejam como eles se amam uns aos outros e estão prontos a morrer uns pelos outros" (Tertuliano, *Apologie*, 9.7). Assim, não somente estaremos a estabelecer o reino de Deus no nosso coração e no dos nossos irmãos, como estamos a alcançar o terceiro propósito desta campanha - **"Amar a Vida" daqueles por quem Cristo morreu e ainda não o reconheceram como seu Salvador**.

3. "Amar a Vida", portanto, será também, e quase que diria essencialmente, uma oportunidade para trazer pessoas amigas, familiares, companheiros de estudo e mesmo desconhecidos à igreja, para assistir às reuniões e beneficiar das mensagens de vida e de amor apresentadas durante esses dez dias.

Aqui ressalta o aspecto evangelístico e de serviço destas acções da igreja, pois

“uma Igreja é também uma comunidade no ministério. Uma Igreja que é uma congregação de amor não se satisfaz de viver unicamente para si. Ela procura transmitir o amor aos outros. Se uma Igreja é verdadeiramente uma comunidade de amor, ela é, também, como é óbvio, uma comunidade de ministério, ou seja, de serviço” (Fritz Guy, *ibidem*, p. 8).

Nunca é demais enfatizar este aspecto do nosso ministério como igreja e consequentemente como membros da mesma: Convidar pessoas para ouvir a mensagem do amor e salvação de Deus. É maravilhoso verificar como o público aumenta ao longo de uma campanha de evangelização. Isto mostra que não só nós apreciamos e somos beneficiados, como também as nossas visitas apreciam e são ajudadas com as mensagens. Na recente campanha realizada neste mês de Março, no Auditório da Igreja Central de Lisboa, sobre “Retratos da Vida de Jesus”, o público aumentava de noite para noite. Era encorajador ver a alegria dos membros, muito particularmente jovens, ao entrar no auditório cada noite acompanhados com os seus amigos e amigas visitantes. A mensagem do Evangelho apresentada de maneira tão simples e pertinente como se faz na Igreja Adventista cativa as pessoas, porque torna a Palavra de Deus compreensível e adequada às necessidades e ansiedades do quotidiano.

A nível pessoal, façamos planos para assistir à **Acção 95 - Amar a Vida** - na nossa igreja e convidemos os nossos familiares, amigos, vizinhos e companheiros de trabalho e de estudo. A nível colectivo, de igreja, é importante ter em conta certas práticas e serviços que se têm demonstrado úteis e recomendados para o bom êxito de qualquer campanha. Embora sejam do conhecimento geral, parece-nos ser oportuno lembrá-los, para maior garantia de êxito desta acção evangelística.

1. Que os convites sejam distribuídos a tempo, para que os membros possam convidar os seus amigos com alguns dias de antecedência;

2. Que se guardem alguns convites, para que os membros e as visitas os levem cada noite, com a intenção de continuarem a convidar e trazer algum amigo no dia seguinte;

3. Que sejam feitos arranjos de embelezamento da igreja, com flores e outro material de decoração, de maneira a torná-la ainda mais atraente;

4. Que haja recepcionistas simpáticos/as para atender devidamente as visitas... e os membros;

5. Que haja um período de 15 minutos de cânticos, cada noite, antes de começar a reunião. Os portugueses gostam de cantar e assim se faz participar a assembleia, de maneira envolvente;

6. Que para esse efeito seja preparada uma separata de hinos melodiosos e fáceis de entoar;

7. Que se encontre um bom dinamizador, que dirija o período de cânticos, que estabeleça um fio condutor da mensagem de um cântico para o outro e que desenvolva um ambiente de boa comunicação e alegria espiritual;

8. Que se descubra e dê oportunidade ao uso de talentos cada noite: coros, solos, poesia, experiências ao vivo, etc.;

9. Que se use incentivos de presenças e motivações para tratar visitas: oferta de livros, revistas, marca-páginas, etc. O privilegiar alguns nomes, por intermédio de um sorteio, numa dada noite, com algo de especial (livros, cassette, vídeo, etc.), motiva as presenças e permite obter nomes para visitaçã oportuna;

10. Que cada noite a apresentação da mensagem seja completa: seja contemplada a razão, o coração e a acção. Procure o pregador, com a ajuda de Deus, não se limitar a dar razões para crer, a comover o coração, mas também que, guiado pelo Espírito Santo, apele aos ouvintes a passarem à acção, aceitando a mensagem daquela noite mediante um apelo específico;

11. Que haja um “crescendo” de noite para noite, com vista a terminar a campanha com um Festival Socio-Espiritual. Dele poderia fazer parte um programa a cargo dos jovens, com música, uma linda cerimónia baptismal, um convívio e/ou uma excursão, etc. Conforme as características, os meios e os talentos das várias igrejas, cada uma procurará fazer o seu melhor. O importante é que se faça algo, que se tire partido desse bom ambiente espiritual criado durante a semana, que se saia da rotina e que se cuide também da dimensão social da igreja.

12. Que se pense, desde já, num programa de continuidade. Assim como esta campanha da Acção 95 - Amar a Vida - requereu uma preparação, incluindo o procurar visitas e interessados no estudo da Bíblia, alguns dos quais assistirão e tomarão as suas decisões, é importante seguir essas visitas no estudo da Bíblia, apoiando-as nas decisões que tomarão e na sua integração nas actividades regulares da igreja. Este programa de continuidade tem que ver também com a programação geral para o ano inteiro, de maneira que outras acções e programas envolventes respondam às necessidades espirituais e de comunhão fraternal dos crentes, mantendo sempre viva a motivação missionária. Esta será, por exemplo, uma oportunidade áurea para se falar e preparar o lançamento do projecto de evangelização “**Europa 95**”, nas várias regiões do nosso país.

Que nesta campanha - Amar a Vida - tudo seja feito para exaltar o amor de Deus e dignificar a vida que Ele criou, para Sua glória, pela redenção em Jesus Cristo. A força da nossa pregação e o êxito desta campanha dependerá grandemente do nosso relacionamento pessoal com Deus e da comunhão fraternal uns com outros. Isso permitirá o ministério do Espírito Santo nas nossas vidas e dará uma imagem verdadeira e atraente do Evangelho para aqueles que precisam também de experimentar o amor de Deus e a vida eterna em Jesus Cristo. Nesta perspectiva, e em paralelo com o que disse E. White em circunstâncias idênticas, “a nossa campanha é de intrépida iniciativa. Desfechos tremendos estão perante nós; e mesmo iminentes. Ascendam a Deus as nossas orações para que os quatro anjos ainda retenham os quatro ventos, a fim de que não soprem para danificar nem destruir sem que a última advertência haja sido feita ao mundo. Trabalhem, então, em harmonia com as nossas orações. Deve a verdade presente ser o nosso encargo. Deve a mensagem do terceiro anjo realizar a sua obra de separar das igrejas um povo que se decidirá em prol dos princípios da verdade eterna” (*Evangelismo*, p.229).

Joaquim Dias

Presidente da União Portuguesa

Igrejas	Pastores/ Responsáveis	Oradores	Datas
Almada	Hortelinda Gal	Hortelinda Gal	31 de Março a 9 de Abril
Angra do Heroísmo	Jorge Machado	Jorge Machado	17 a 24 de Junho
Alpendurada	Fernando Mendes	José Manuel de Matos	
Arganil	A. Echevarria	A. Echevarria	31 de Março a 9 de Abril
Atalaia do Campo	Teófilo Lopes	Teófilo Lopes e Reinaldo Santos	7 a 16 de Abril
Atalaia do Gavião	Justino Glória	Justino Glória	31 de Março a 9 de Abril
Aveiro	José Pedro	José Pedro	31 de Março a 9 de Abril
Barreiro	Luís Nunes	Luís Nunes	31 de Março a 9 de Abril
Benavente	António Amorim	António Amorim	
Braga	José E. Teixeira	José E. Teixeira	31 de Março a 9 de Abril
Canelas	José M. de Matos	Daniel Vicente	
Cascais	Rogério Fernandes	Rogério Fernandes	
Celorico da Beira	António Carvalho	António Carvalho	
Chaves	Mário Cabral	Mário Cabral	31 de Março a 9 de Abril
Coimbra	Manuel Cordeiro	Manuel Cordeiro/Jorge Duarte e anciãos	31 de Março a 9 de Abril
Comenda	Justino Glória	Paulo Mendes	31 de Março a 9 de Abril
Corroios	Hortelinda Gal		
Ermesinde	Artur Machado	Artur Machado	31 de Março a 9 de Abril
Espinho	José A. Vieira	José A. Vieira	31 de Março a 9 de Abril
Évora	António Gameiro	Joaquim Dias	31 de Março a 9 de Abril
Ferreiras	José M. Colaço	José Lagoa	21 a 30 de Abril
Figueira da Foz	Daniel Silva	Daniel Silva	31 de Março a 9 de Abril
Funchal	Mário Brito	Mário Brito	
Fundão	Armando Sousa	Armando Sousa	7 a 16 de Abril
Guarda	António Carvalho	António Carvalho	31 de Março a 9 de Abril
Lagoa	Vitor Brito Beleza	Joaquim Casaquinha	31 de Março a 9 de Abril
Leiria	Júlio Cardoso	Júlio Cardoso	31 de Março a 9 de Abril
Lisboa/Alvalade	Alberto Nunes	Alberto Nunes	31 de Março a 9 de Abril
Lisboa/Central	Sérgio Teixeira	Sérgio Teixeira	31 de Março a 9 de Abril
Lisboa/Roçadas	Amílcar Lopes	Amílcar Lopes	31 de Março a 9 de Abril
Matosinhos	Paulo Renato	Paulo Renato	31 de Março a 9 de Abril
Moura	Luís Rosa	Luís Rosa	31 de Março a 9 de Abril
O. de Azemeis	José A. Vieira	José A. Vieira	31 de Março a 9 de Abril
Paivas	Hortelinda Gal	Hortelinda Gal	
Pampilhosa	Manuel Cordeiro	Manuel Cordeiro/Jorge Duarte e anciãos	31 de Março a 9 de Abril
Praia da Vitória	Jorge Machado	Jorge Machado	31 de Março a 9 de Abril
Pombal	Eduardo Gouveia	Manuel Cordeiro/Jorge Duarte e anciãos	31 de Março a 9 de Abril
Portalegre	Carlos Cordeiro	Carlos Cordeiro	31 de Março a 9 de Abril
Portimão	José M. Colaço	José M. Colaço	28 de Abril a 7 de Março
Porto	António Maurício	António Maurício	31 de Março a 9 de Abril
S. João da Ribeira	Daniel Bastos	Daniel Bastos	31 de Março a 9 de Abril
S. Mateus	Júlio C. Santos	Júlio C. Santos	31 de Março a 9 de Abril
Sangalhos	Joaquim Nogueira	Joaquim Nogueira	31 de Março a 9 de Abril
Serpins	Manuel Cordeiro	Manuel Cordeiro/Jorge Duarte e anciãos	31 de Março a 9 de Abril
Setúbal	Daniel Vicente	José Manuel de Matos	31 de Março a 9 de Abril
Sintra	Rogério Fernandes	Rogério Fernandes	
St.º André	António Domingos	António Domingos	31 de Março a 9 de Abril
Tavira	Rúben Abreu	Rúben Abreu	
Tomar	Daniel Martins	Daniel Martins	31 de Março a 9 de Abril
V. Franca de Xira	António Amorim	António Amorim	
V. N. de Gaia	Fernando Mendes	Fernando Mendes	31 de Março a 9 de Abril
V. N. Monsarros	Joaquim Nogueira	Joaquim Nogueira	31 de Março a 9 de Abril
Vila Chã	Joaquim Sabino	Coquenão Freitas	31 de Março a 9 de Abril
Vila do Conde	Enoque Nunes	Ezequiel Quintino	31 de Março a 9 de Abril
Vila Real St.º António	Rúben Abreu	José Manuel de Matos	
Viseu	Manuel Oliveira	Manuel Oliveira	31 de Março a 9 de Abril

PORQUÊ UMA ASSEMBLEIA DA CONFERÊNCIA GERAL?

William G. Johnss



«Aproxima-se a data da Sessão da Conferência Geral: 30 de Junho a 10 de Julho de 1995. E os olhares da Igreja voltam-se para Utrecht. Porquê esta grande assembleia?»

Dentro de quatro meses, se Deus quiser, os Adventistas do Sétimo Dia chegarão em força à cidade holandesa de Utrecht. Virão de todas as partes do mundo - de Tucson e Timbaktu, de Upsilon e Upsália. O enorme Centro de Jaarbeurs dará as boas-vindas a cerca de 2.500 delegados e verá, diariamente, audiências de 8 a 10.000 pessoas, que, em cada um dos dois sábados da Assembleia, se elevarão para 30.000.

A 56ª sessão da Conferência Geral! Algo especificamente adventista. Algo de único em assembleias eclesiais: mais nenhuma organização religiosa procede a convocações tão vastas, tão representativas e dispendiosas.

Quão longe chegámos e quanto crescemos em 132 anos! A primeira sessão da Conferência Geral realizou-se em Battle Creek, Estado do Michigan, a 20 de Maio de 1863. Estavam presentes 20 delegados que representavam 7 Estados: Nova Iorque, Ohio, Michigan, Indiana, Wisconsin, Iowa e Minnesota. As reuniões tiveram lugar na segunda igreja Adventista do Sétimo Dia edificada em Battle Creek. Construída em 1857, tinha 13 metros de comprimento por 8,5 de largura e custou 881 dólares - cerca de Esc. 132.150\$00. E tinha entradas separadas para homens e mulheres!

Hoje, as sessões da Conferência Geral tornaram-se tão vastas que há poucos lugares no mundo onde se possam realizar. As nossas necessidades especiais quanto a acomodações, a um grande centro para as reuniões, salas para comissões e outras actividades que têm lugar durante a assembleia, e ainda a questão das viagens e acessos, eliminam, à partida, a maioria

dos centros para convenções. Nós temos de planejar e fazer as reservas quase com um ano de antecedência!

Mas porque é que as sessões da Conferência Geral se tornaram tão grandes? Será que chegou o momento de reduzi-las?

Não. As sessões da Conferência Geral constituem uma ocasião maravilhosa e inesquecível de companheirismo, de encorajamento pelo crescimento da Igreja, de interacção sem fronteiras, étnicas e culturais. Estas reuniões são um microcosmo e um antegozo dessa reunião que terá lugar no céu: “Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos. E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro” (Apoc. 7:9, 10).

A Primeira Sessão

A primeira sessão, em 1863, fez um grande trabalho. Os delegados organizaram a Conferência Geral, adoptaram uma constituição e elegeram os primeiros oficiais da Igreja: George A. Burdette, presidente; Uriah Smith, secretário; e E. S. Walker, tesoureiro.

A quinquagésima sexta sessão também fez um grande trabalho a fazer. Elegerá os oficiais da Conferência Geral e os seus directores departamentais e também os oficiais das 11 Divisões da Conferência Geral que constituem a igreja mundial. Estudará modificações a ser feitas na cor

ção e no *Manual da Igreja*, e apreciará relatórios sobre o progresso do Evangelho em toda a face do globo.

Os pontos da agenda para esta sessão, como para qualquer outra sessão, têm enorme impacto sobre cada membro da Igreja, onde quer que ele ou ela reside. Estas convenções tratam apenas de *grandes* assuntos, como, por exemplo, as nossas crenças fundamentais ou aspectos da nossa organização mundial.

Há uma importante razão para as sessões da Conferência Geral terem crescido tanto: elas espelham o espantoso crescimento da divulgação da mensagem dos três anjos a todos os povos do mundo. Porque podem afectar-nos a todos, é vital que a representação a estas reuniões seja adequada - com delegados dos 190 países em que a Igreja tem uma presença, com mulheres e homens, com jovens e pessoas mais velhas, com leigos e empregados da Igreja.

Sim, com mais de 2.000 delegados, a sessão da Conferência Geral será, de facto, trabalhosa e dispendiosa. Mas qual é a alternativa?

* Limitar os delegados a representantes do clero, a exemplo dos concílios de muitas das outras Igrejas?

* Reduzir drasticamente o número de delegados? Isso iria eliminar áreas da igreja mundial onde temos menos membros.

* Realizar as convenções sempre na América do Norte onde as despesas podem ser menores? Isso negaria o facto de que hoje apenas um décimo dos Adventistas reside na Divisão da América do Norte.

Não, por mais dificuldades que haja na sua organização, as sessões da Conferência Geral são uma necessidade. Nenhuma outra Igreja se aventura numa coisa deste género porque nenhuma tem as nossas características. Nós somos *uma igreja mundial* - um corpo, e não uma aliança ou associação de igrejas nacionais.

A unidade é preciosa, mas frágil.

Àqueles que questionem a grande despesa que esta assembleia acarreta, poderíamos perguntar: Qual é o preço da unidade?

Mas a verdade é que a 56ª sessão da Conferência Geral abrangerá muito mais do que trabalho e reuniões administrativas. Milhares de Adventistas encaminhar-se-ão para Utrecht só pela *experiência* que ali poderão viver: o sentimento de família e comemoração, o parceria da missão, o orgulho, inspiração, esperança e maravilha pelo que o Senhor está realizando nos nossos dias.

Há já milhares de irmãos e irmãs em todo o mundo que estão a fazer planos para passar as suas férias na Europa. Há famílias que vão levar os seus filhos a Utrecht. Há casais aposentados que irão a Utrecht. Alguns fizeram economias e esperaram uma vida inteira para assistir a uma Conferência Geral.

Pela experiência.

Para os Adventistas da Europa, esta será uma oportunidade única. O trabalho aqui avança lentamente - em alguns lugares, os Adventistas são considerados uma seita - mas a sessão da Conferência Geral vai dar-lhes um certo impulso, o senso de que fazem parte de algo de grande e maravilhoso.

E para os nossos irmãos e irmãs da

Europa de Leste, que dia será esse! Há apenas alguns anos, eles estavam fechados atrás de uma cortina de ferro; agora podem assistir a uma sessão da Conferência Geral!

A experiência.

A música. A pregação. O desfile das nações, o companheirismo - de velhos e novos amigos. O poder do Espírito.

Uma sessão da Conferência Geral tem de ser *vivida* para ser compreendida. Ela ecoa em todos os lugares da terra e, à medida que os delegados e visitantes regressam às suas casas, o seu impacto é notório. Ela cumpre a sua tarefa planificadora e administrativa, mas faz muito mais: inspira, afirma, gera esperança.

Todos nós, nas nossas vidas pessoais, precisamos de grandes acontecimentos - casamentos, aniversários, comemorações. Nas nossas vidas espirituais também precisamos de grandes acontecimentos, ocasiões que nos toquem e transformem, que nos incitem e ajudem a continuar quando os dias parecerem difíceis e sombrios.

Eis porque temos necessidade de assembleias da Conferência Geral.

William G. Johnsson é director da Adventist Review.

INCREVA-SE, POR FAVOR!

Se está a pensar assistir à Conferência Geral em Utrecht - mesmo que não seja delegado - ser-lhe-á pedido que se inscreva na área "Find-a-Friend".

A todos, delegados e visitantes, ser-lhes-ão dados cartões identificadores que lhes darão acesso ao auditório e à área das exposições. O registo dos nomes dos delegados e visitas ajudará também a localizar alguém em caso de emergência.

SER POLÍTICA (OU TEOLOGICAMENTE) CORRECTO



Robert Jensen

A revista *Times*, de Los Angeles, e o *Post*, de Washington, fizeram ambos circular normas de procedimento quanto ao uso de determinadas palavras que são consideradas inaceitáveis ou reveladoras de insensibilidade. De evitar são todas aquelas que demonstrem falta de consideração ou de sensibilidade em relação ao género ou estado do indivíduo - e há toda uma lista - ou que manifestem insensibilidade para com os que têm incapacidades físicas, como, por exemplo, *inválido, surdo, coxo, aleijado*, etc.

Recentemente, o livro de normas do *Post* aconselhava os repórteres - sobretudo os mais novos - a "terem cuidado com adjectivos como *idoso* ou *de meia idade*".

É certo que há algo de bom a dizer sobre o *conceito* de correcção política. Quando o preconceito, o racismo e a discriminação ainda nos perseguem e muitos são os marginalizados pela sociedade - se o não forem senão por razões de ordem rática ou étnica - a correcção política pode ajudar a sociedade a sensibilizar-se para a necessidade de tolerância e para a riqueza da nossa diversidade.

Mas, simultaneamente, temos de ser cuidadosos, sobretudo no que respeita à Igreja. Como seguidores de Jesus, deveríamos ser as pessoas mais aceitadoras e mais amantes e as menos preconceituosas em relação às pessoas. Para Jesus, a raça, a etnia e o género não tinham qualquer sentido. O

Senhor via em todas pessoas almas feitas à imagem do Pai, almas por quem Ele viera ao mundo para ministrar e morrer. À sombra da cruz não há Judeu nem Grego, livre ou escravo, Branco, Negro ou Vermelho, macho ou fêmea. Nesse sentido, a cruz demonstrou a essência da correcção política no seu melhor.

É que amar e aceitar as pessoas pelo que elas são, ou onde estão, não é o mesmo que o relativismo moral. A igreja deve amar e aceitar os pecadores, mas não deve nunca comprometer-se com o pecado. Deus deu-nos, através da Sua Palavra, absolutos morais e verdades doutrinárias que penetram e distinguem a sociedade com um todo ou o todo como indivíduos. Nós temos padrões morais, éticos e doutrinários que devemos exaltar, sejam eles ou não "politicamente correctos" em sociedade.

O fenómeno da correcção política baseia-se em relativismo cultural e moral, o qual diz que a cultura de pessoa alguma pode ser considerada melhor do que a de qualquer outra pessoa. E, em certo sentido, isso é verdade. Infelizmente, esta ideia é frequentemente aplicada também à moralidade. Uma série de crenças morais, em conformidade com o que é politicamente correcto, não é necessariamente melhor do que a de uma outra pessoa, especialmente porque a moralidade está muitas vezes ligada à cultura.

Aqui temos de estabelecer uma li-

nha divisória, porque a base das nossas crenças morais não vem da cultura, mas da *Palavras de Deus*. Os Dez Mandamentos, a regra de ouro, e muitos outros princípios da Palavra de Deus *não são* relativos. *Não são* culturalmente condicionados. Vêm do próprio Deus, que os estabeleceu como um código básico de comportamento para todas as pessoas em todos os lugares, quer aconteça gostarmos deles ou não.

Jesus e a Incorreção Política

Jesus manifestou por vezes extrema incorreção política. Ele disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6). Pedro disse: "Em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos" (Actos 4:12). Paulo disse: "Se alguém vos anunciar outro evangelho, além do que já recebestes, seja anátema" (Gál. 1:9).

Estas declarações não são politicamente correctas, em qualquer sentido do termo. Nem foram proferidas para o ser. Mas são declarações a que devemos, dogmática e inflexivelmente, aderir, quaisquer que sejam as suas consequências políticas. Temos uma mensagem, temos princípios e crenças que simplesmente não podemos transigir para ser politicamente ou socialmente aceites pelo mundo. A Palavra de Deus, e não os sentimentos de

O CONCEITO ADVENTISTA DE EDUCAÇÃO

Hollywood, é que deve determinar os nossos valores. Se alguns dos nossos ensinos bíblicos são politicamente correctos, como de facto devem ser, nós devemos aproveitar a vantagem dessa harmonia para anunciar o evangelho. Por outro lado, precisamos também de ser sensíveis em relação às actuais correntes e apresentar a nossa mensagem de modo a torná-la tão agradável quanto possamos, para ganhar almas. Mas esta agradabilidade nunca deve ser feita à custa das nossas crenças.

Tomemos, por exemplo, a nossa compreensão dos temas relacionados com a perseguição dos tempos do fim. Dadas as actuais circunstâncias, a nossa mensagem acerca do papel de Roma seria, pelo menos entre algumas pessoas, politicamente incorrecta. Quer isto dizer que devemos abandonar essa posição? Deus nos livre! Quer isto dizer que devemos dar uma forma especial à maneira como a apresentamos, a fim de a adaptarmos às actuais circunstâncias? Certamente! Deus nos livre de o não fazer!

Se usarmos a apenas a Palavra de Deus como fundamento básico da nossa vida, e a ela nos apegarmos custe o que custar, haveremos de ser poupados ao buraco negro do relativismo moral. Ao mesmo tempo, se reflectirmos o carácter de Jesus - como fomos chamados a fazê-lo - nós, como igreja, haveremos de dar ao amor, à tolerância e à aceitação um significado e poder que hão-de surpreender até os mais politicamente correctos dentre nós.

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Muitas vezes por todo o mundo têm apregoado que a educação se encontra num período de crise quase irreversível. Por todos os lados se fala do fracasso das instituições, dos sistemas e dos métodos. Os agentes educativos parecem ser marionetes impotentes face ao avanço da “antieducação”, a qual faz proliferar a delinquência infanto-juvenil.

Mas o que ignoram ou pretendem ignorar os estudiosos destes fenómenos socio-educativos é que a escola não é uma ilha ou um circuito fechado, que se alimenta ou se aperfeiçoa como se fosse um gigantesco mecanismo de autocontrolo. Ela é, sim, a síntese de uma sociedade decadente - é a projecção das acções mais responsáveis em todos os níveis da vida quotidiana, que desgraçadamente se encontra mais asfixiada pela falta de travão nessa perigosa estrada de plano inclinado em que a sociedade humana dos nossos dias penetrou e que está repleta de corrupção, materialismo e egoísmo. E a escola, como instituição reflectora, não pode subtrair-se a tal influência.

O que está em crise não é a escola, mas a sociedade. A criança inicia uma corrida antieducativa desde o lar, cuja falta de solidez própria dos verdadeiros fundamentos a faz pas-

sar pelos diversos estádios propostos pela comunidade que não soube conservar os autênticos valores. Todo este processo não faz mais do que imprimir no adolescente e jovem a impressão da fraude, da simulação e do neonarcisismo. O afastar-se dos caminhos formativos fixados pelo Mestre de Nazaré inspirou E. G. White a rectificar o seguinte:

“A educação dada aos jovens molda toda a estrutura social. Por todo o mundo a sociedade está em desordem, sendo por tal necessária uma completa transformação. Muitas pessoas acreditam que melhores recursos educacionais, maiores habilitações e métodos mais recentes porão as coisas no seu lugar. Professam crer e aceitar os oráculos vivos, e não obstante no quadro da educação colocam a Palavra de Deus num lugar inferior (ou inexistente). O que deveria estar em primeiro lugar se tornou acessório e substituído pelas invenções humanas.” *Educação Cristã*, p. 111.

Necessidade de Reforma

A nossa sociedade tecnológica e consumista propõe às instituições educativas modelos que assentam sobre agentes planificadores, gestores e actores de desenvolvimento eminentemente materialistas.

Rogério P. Nóbrega

Entre as propostas mais aceites conta-se o logro de um bem-estar mais superficial que profundo, mais físico que espiritual, e uma concordante inter-relação em democracia que nem sempre significa uma vida marcada pela justiça social.

No livro *Educação*, na pág. 221, E. White diz: "Grande parte da educação dada é uma perversão da arte pedagógica. A verdadeira educação é uma influência que se opõe à ambição egoísta, à ânsia de poder, à indiferença face aos direitos e necessidades da humanidade, o que constitui uma maldição do nosso mundo."

Em todo o sentido a escola deveria ser um meio de resposta e de reflexão para a sociedade. Porém, para reivindicar esta intencionalidade, torna-se imprescindível uma reforma profunda e reversível, que parta do seio da sociedade: o lar, até ao acto pleno de aprendizagem - a relação aluno-docente e vice-versa, em cooperação material e espiritual empenhada, livre e realística.

A nossa Filosofia da Educação

Para os Adventistas do Sétimo Dia, a religião determina a concepção da educação. Os estudantes são, antes de tudo, filhos de Deus, e os docentes primeiramente Seus servidores. As suas instituições escolares, por conseguinte, devem conformar-se ao espírito e à vontade de Deus. A Igreja instituiu um sistema escolar com o fim de assegurar aos jovens uma educação equilibrada que integre as áreas religiosa, intelectual, social, física e profissional em harmonia com os princípios e o ideal da denominação, considerando a Deus como a fonte de todo o valor moral e de toda a verdade.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm as suas próprias escolas elementares, secundárias e superiores, com o propósito de transmitir aos seus

jovens os ideais, crenças, atitudes, apreciações e costumes que lhes são próprias.

Os governos de cada país possuem sistemas escolares capazes de formar bons cidadãos. Porém, os Adventistas do Setimo Dia desejam que os seus filhos sejam, não somente bons patriotas, cidadãos respeitadores das leis do país, mas também respeitadores das leis de Deus.

E por outro lado, se queremos que a Igreja subsista, devemos transferir para as crianças e jovens todo o conjunto de conhecimentos, valores e ideais. Ao actuar assim, temos

em conta o princípio bíblico de transmissão no seio da sociedade. "Fazei sobre isto uma narração a vossos filhos, e vossos filhos a seus filhos e os filhos destes à outra geração." - Joel 1:3.

O conhecimento verdadeiro de Deus, a comunhão com Ele pelo estudo, o serviço e o desenvolvimento do carácter à semelhança do Seu são, respectivamente, a fonte, o meio e o objectivo da educação adventista.

Rogério Nóbrega dirige os departamentos da Juventude e da Educação, na nossa União.

O COLÉGIO ADVENTISTA DE NEWBOLD

oferece-lhe estudo universitário com graus académicos:

LICENCIATURA

Estudos Bíblicos e Pastorais
Inglês
História
Religião
Comércio e Gestão

MESTRADO

Religião
Educação
Ministério Pastoral
e também
Escola de Inglês

e muito, muito mais!

- * um ambiente internacional
- * um grupo de estudantes de várias culturas
- * acesso fácil a lugares históricos e literários
- * uma atmosfera cristã
- * fecunda interacção professor-estudante

**Dê um passo em frente: Venha estudar para
Newbold College!**

Informações:

The Admissions Office
Newbold College
Bracknell, Berkshire
RG12 5AN England

UMA FAMÍLIA ORTODOXA ENCONTRA A JESUS

“Não há tempo a perder!”

Quando falamos em países latinos, pensamos em Portugal, Espanha, França e Itália. Da nossa lembrança está quase sempre ausente a Roménia, talvez pelo facto de estar geograficamente separada dos outros quatro países, lá encostada à Ucrânia e ao Mar Negro. No entanto, quando vemos e ouvimos o povo romeno, todas as nossas hesitações se dissipam, já pela sua aparência física, mas é sobretudo o seu falar, tão próximo do italiano e até do português, que nos convence: *“Buena ziua, ce mai faci?”* - Bom dia, como estás?

A Roménia tem sensivelmente as dimensões de Espanha, mas apenas metade da população: vinte e dois milhões de habitantes. No entanto, é neste país da Europa que há a maior população adventista: mais de setenta mil. São frequentes as aldeias, como Peretu, que não têm mais que dois mil habitantes, mas têm três templos adventistas, com quatrocentos membros cada um, e somente uma pequena igreja ortodoxa.

Hoje desejo contar-vos uma experiência que vivi no final do mês de Abril de 1994, na cidade de Suceava. Realizei ali o Seminário “Fé para Hoje”, bem como uma série de 14 conferências com o mesmo título. Suceava é uma fortaleza da Ortodoxia, com a sua universidade de teologia e

muitas dezenas de conventos, que falam da história desta Igreja, igreja oficial na Roménia desde Estêvão o Grande.

As conferências tiveram lugar numa bela e confortável sala, o Centro Cultural de Suceava, com 900 lugares. Foram feitos e colados cartazes, com a devida autorização da câmara, e foi ali que comecei a dar-me conta do poder e intolerância desta Igreja em relação às outras Igrejas cristãs. Todos os cartazes foram rasgados pelos estudantes de teologia ortodoxos e, sobre os cartazes mais resistentes, foi colado um outro cartaz que dizia: “Somos Ortodoxos há 2.000 anos. Vão evangelizar a vossa terra!” Não contentes com isto, os dirigentes ortodoxos convenceram o director do Centro Cultural a ceder-lhes a sala no dia e hora que nos estava reservada e fizeram uma conferência de denúncia contra as Seitas, a qual, naturalmente, visava a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os nossos pastores e membros ficaram em grande tensão nervosa e queriam impedir esta acção da Igreja Ortodoxa. Foi com dificuldade que conseguiram acalmar-se, mas eu sentia que no final de tudo o nosso Senhor Jesus haveria de sair vencedor.

E, de facto, foi o que aconteceu. Se até aí a assistência às reuniões era de 600 pessoas, entre adventistas e visitas, a partir dessa noite, as nossas

conferências contaram entre 900 a 1100 presenças, na maioria não adventistas. Havia muitos médicos, engenheiros, arquitectos, mas o maior número era de estudantes do liceu e universitários que, com grande atenção, tomavam notas do que se dizia e foram, progressivamente, manifestando grande interesse e carinho por Jesus, bem evidente nas decisões, nas mensagens que escreviam e em ramos de flores que nos ofereciam. Louvado seja o Senhor!

Gostaria de partilhar com os leitores da *Revista Adventista* uma das histórias mais bonitas que Deus me deu o privilégio de viver no meu ministério. São muitas as experiências que vos poderia contar e vos comoveriam até às lágrimas, mas relato apenas esta, da família Morariu. É um casal ainda jovem, com menos de 40 anos cada um, ele trabalha numa fábrica de celulose, ela é enfermeira no hospital da cidade, e os três filhos, duas raparigas e um rapaz, chamam-se Christina, Vasilica e Christ, e têm 21, 17 e 18 anos, respectivamente. Os três são estudantes.

Habituei-me a vê-los todas as noites sentados nos mesmos lugares, e antes de começar a falar, procurava-os com os olhos, sorria-lhes e eles respondiam-me com o mesmo gesto. Uma noite fiquei surpreendido com o convite que

José Carlos Costa

nos fizeram, a mim e ao pastor Pestrescu, que me traduzia, para irmos jantar a casa dos seus pais.

Fomos recebidos com simpatia, mas não era difícil sentir uma certa reserva por parte dos pais, ortodoxos praticantes, que receavam que os filhos deixassem “o caminho antigo”, como eles diziam. Tentámos explicar que o nosso único objectivo era exactamente apresentar o Caminho antigo em toda a sua pureza e verdade, tal como se encontra no “Velho Livro”.

Na noite seguinte, toda a família estava presente para assistir à conferência, mas a reserva lia-se perfeitamente nos olhos da senhora Morariu. Por isso, não me surpreendi por ela não ir na noite seguinte. As minhas orações e a de todos os participantes do Seminário “Fé para Hoje” em favor desta e de outras famílias que se encontravam no vale da decisão eram fervorosas e constantes, junto ao trono do nosso amado Senhor Jesus. Pedíamos pelos ortodoxos, pentecostais, baptistas e menonitas que todas as noites enchiam a sala.

Alguns dias depois fomos de novo convidados a jantar em casa da família Morariu. Foi Vasilica, a filha mais nova, quem nos apresentou o convite da parte dos pais e de imediato senti que havia qualquer coisa de especial. De uma coisa estávamos certos: é que o Espírito do Senhor executava a Sua obra, nem por força nem por violência, como é o Seu costume, mas de forma suave e mansa.

Que grande surpresa quando entrámos! Não parecia a mesma casa, velas acesas, flores por toda a parte, a mesa festivamente decorada, os alimentos eram bem diferentes, havia muitos vegetais crus, queijo branco, fruta, pão integral, um verdadeiro regalo! Olhei para os pastores que me acompanhavam, Petrescu e Baciú, e

eles encolheram os ombros. Disse para comigo: “Que se passa, Senhor Jesus?”

Dê repente, a senhora Morariu disse-me:

“Como sabe, sou enfermeira, e frequentemente trabalho de noite. Ontem de manhã, quando cheguei a casa, enquanto tomava duche, fui invadida por uma grande tristeza. É verdade que o comportamento dos meus filhos se alterou completamente depois que eles frequentam as conferências, são mais meigos para conosco, mais amáveis entre si, mais estudiosos e arrumados, sempre prontos a fazer o que lhes pedimos, mas eu estava preocupada com a herança religiosa que os meus pais me deixaram e queria transmitir aos meus filhos. Depois do banho fui para o meu quarto dormir. Mas antes, de joelhos pedi a Deus que me dissesse ‘quem é este da Costa?’

“Dormi e sonhei. Via um caminho estreito na montanha, de um lado e do outro havia neve, e ao meio via-se o rasto de passos. Eu olhava e perguntei: ‘Que caminho é este?’ Então ouvi uma voz que dizia: ‘Este é o meu caminho. Da Costa anuncia a minha Palavra!’ Quando acordei, contei o sonho ao meu marido e filhos.”

Perguntei-lhe:

- O que pensa fazer, depois de ter recebido uma resposta tão clara?

A sua decisão estava tomada:

- Seguir o Caminho!

Na noite seguinte, no fim da conferência, ela veio à frente contar o seu sonho. Foi uma noite inesquecível, porque muitos outros testemunharam que esta era também a pergunta que tinha no seu coração: “Quem é este da Costa?” De facto, nós ainda não tínhamos dito que éramos Adventistas do Sétimo Dia. A nossa preocupação era apresentar o Evangelho, sem fazer a apologia de uma igreja, deixar que o

Espírito do Senhor pudesse agir livremente e assim indicar o verdadeiro e único caminho da vida. E Ele agiu poderosamente!

Tenho diante de mim um bilhete com uma mensagem de um pastor pentecostal, que assistiu todas as noites com a sua família: “Não estou de acordo com tudo o que diz, mas tudo o que diz está de acordo com a Palavra de Deus.”

Naquela noite, baptistas, ortodoxos, pentecostais e ex-incrédulos aceitaram a Jesus e o Evangelho a que nada pode ser “acrescentado” nem “tirado”. Naquela noite muitos viram o caminho que estava diante deles, um caminho estreito, mas o Caminho.

Quando nos despedimos da família Morariu, o pai disse-nos:

“Não há tempo a perder. Já estamos a programar a nossa vida para sermos fiéis a Jesus e observarmos o Sábado do Senhor. Irmão da Costa, queremos estar consigo na Pátria de Jesus!”

Uma família ortodoxa encontrou Jesus e aceitou-O como seu Salvador. O irmão e amigo que nos lê decerto já teve também um encontro com Jesus e sabe que Ele quer morar consigo. É nosso privilégio ensinarmos a outros o Caminho que leva a Cristo. Que alegria será então estarmos um dia com Jesus e com os Seus remidos de todas as nações!

José Carlos da Costa é director dos Ministérios da Igreja na Divisão Euro-africana.

BREVIÁRIO DA REDENÇÃO

Nós, os vivos e os que dormem agora e desde o início, somos Adão e Eva, peregrinos nos caminhos do mundo. Desde o Éden que buscamos a paz. De lá saímos vivos para o pecado e mortos para a Vida mercê do pai funesto da mentira.

Somos Adão e Eva com saudades do tempo em que vivíamos felizes; desse tempo bendito em que, vestidos de luz esplendorosa, falávamos com o Todo-Poderoso e comíamos da árvore da vida. Mas entre o bem e o mal o orgulho desmedido levou-nos a tomar a decisão errada. Então, cegos pelo pecado, tateando no escuro da selva viciosa, nós, escravos do anjo rebelado, jamais fomos capazes de encontrar o caminho da Paz e da Verdade Eterna.

Mas Deus, o Deus de amor, o Deus-Amor não nos lançou de Si de coração vazio. Disse, pois, à serpente: «Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela: esta te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.»

E não nos abandonou sem Sua santa Lei, impressa em nossa mente e burilada a fogo nas tábuas do Sinai; nem sem o santo exemplo de homens e mulheres de fé inquebrantável. Assim, o Eterno Deus deu-nos Abel e Enoque, e Noé, progenitor de nova humanidade, e Abraão, e Sara, e Isaac; e com Jacob deu-nos também José. Deu-nos depois Moisés e Josué; e, em Jericó, Raab, a meretriz fiel e adoptada. Em Canaã proveu-nos os juízes dentre os quais Gideão e Barac, Sansão, e Jefté, e Samuel. Não no deixou, enfim, sem a Sua palavra de amor e correcção, de aviso e de esperança, por meio dos profetas, de entre os quais Elias e Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Malaquias, o último, fechou as Escrituras do Antigo Concerto, as quais falavam já do Seu amado Filho.

Por fim, mandou João a proclamar que o Filho tinha vindo. Por Ele ultimamente nos falou para nossa instrução e salvamento eterno. Seria Ele o mediador do Novo Pacto entre o Seu ser excelso e o homem transviado.

Eis, pois, o Unigénito, o Verbo feito carne, Jesus, Nosso Senhor, o inculpe Deus de Deus, modelo de perfeita obediência; ei-l'O calcorreando sem descanso os caminhos da velha Palestina: ensinando, curando e alimentando as multidões sedentas e famintas; ei-l'O traído, preso, abandonado, negado, escarnecido e açoitado, coroado de espinhos vergado ao peso da nossa iniquidade mais que da Sua cruz, feito varão de dores, perdoador até ao último suspiro, dando-Se por amor — amor incomparável —, em sacrificio expiatório e de resgate, por nós, Adão e Eva, escravos do pecado! Assim, com dor inenarrável e infinito amor, se consumou então o acto essencial do plano salvífico de Deus. Assim se deu em parte o duro cumprimento da velha profecia: a serpente feriu, odiosa, o calcanhar do nosso Redentor. Ele subiu ao Céu; e o Pai, em nome d'Ele, derramou sobre os discípulos trementes o dom do Santo Espírito. E, nascidos de novo, ei-los calcorreando as veredas do mundo, pregando com vigor a Palavra da Vida, o Evangelho Eterno; instruindo, convertendo e baptizando em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Já não nos pertencemos: agora somos d'Ele, pois Ele nos comprou a todos com Seu sangue, para que a nossa natureza, rebelde desde o início, ficasse em sujeição ao Espírito Divino para nos libertarmos.

Agora tudo é d'Ele: este corpo que temos; esta alma que somos, e esta centelha de espírito que em nós fulge. Ele é Nosso Senhor agora e para sempre. Sirvamo-l'O, irmãos. «Amai-vos uns aos outros; crucificai em vós a tentação da carne; e deixai que em vós amadureçam os frutos do Espírito: o amor, a alegria, a paz e a paciência, a benignidade e a bondade, a fé, a mansidão e a temperança». É este o Seu programa. Cumpramo-lo, e seremos livres para sempre. E oremos, irmãos, até que o Amo venha, coroado de glória, irradiando luz. «Virei cedo», — diz Ele. Sim, vem, Senhor Jesus!

Jaime Sebastião Madeira
Grupo do Vale Travelho



Carta do LAPI

Ao escrever-lhe esta carta, prezado amigo e leitor da *Revista Adventista*, apresento-lhe as saudações de quase uma centena de pessoas que vive e trabalha no **Lar Adventista para Pessoas Idosas - LAPI**.

Certamente que tem ouvido falar desta instituição. É onde eu e minha mulher nos encontramos agora, e muito felizes, pela bendita graça de Deus, sem que possamos apontar o mais insignificante ponto em desfavor desta instituição adventista de solidariedade social.

O LAPI, meu irmão, é de facto um lugar de amor, carinho, simpatia e respeito, e creio que é uma verdadeira surpresa para qualquer um que já tenha ouvido falar de lares da terceira idade. A explicação que encontro para este ambiente fraterno e acolhedor reside, quanto a mim, na dedicação e entrega dos elementos que a União colocou à frente da instituição. Não quero, como é evidente, desmerecer os anteriores dirigentes do LAPI, mas, ao falar dos que conheço, não posso deixar de admirar a sua dedicação a esta causa, pois vejo que são um grande valor para o LAPI, pelo carinho e dedicação que transmitem a todos, o que faz desta instituição um *verdadeiro e agradável lar*.

O actual administrador é um irmão leigo, **José Amaral Pinto**, que já antes residia em Vale Queimado, o lugar onde está o LAPI, perto de Salvaterra de Magos. É um homem que a todos trata com respeito e carinho, merecendo a consideração dos utentes e de todos quantos aqui trabalham. Há, aliás, pessoas que

trabalham aqui há vários anos e têm dedicado parte da sua vida a esta instituição, como é o caso da irmã **Ricardina Lopes**, que muitos conhecem. Mas há outros, e todos fazem o seu melhor para tornar a nossa vida agradável, e merecem a nossa gratidão pela sua simpatia e alegria.

Tenho também constatado que a comunidade tem o nosso Lar em grande consideração. E os que nos visitam ficam com a melhor impressão a seu respeito. Há dias tive a agradável surpresa de receber uma carta de um amigo que foi meu chefe na Companhia Nacional de Navegação (onde trabalhei 32 anos) e me visitou aqui, no LAPI, com sua filha, genro e neto. Transcrevo algumas linhas dessa carta, que provam o que acabo de dizer e que são motivo de alegria para todos nós:

“Aqui vão os testemunhos de um dia bem passado. Não só pela companhia, como também por tudo o que me foi dado ver. O horror que eu tinha aos lares, por experiência própria, como deve estar lembrado, foi aqui ultrapassado perante o que tiveram a amabilidade de me mostrar. Aqui vão os meus parabéns para todos os que conduzem essa instituição. (...)”

Tudo o que exponho é um facto.

Gostaria de terminar esta “Carta do LAPI” com um convite e um apelo. Esta instituição tem muitas despesas, tremendas despesas, pois a alimentação cuidada e abundante, as limpezas rigorosas e o trabalho excelente deste abnegado pessoal assim o obriga. Se cada irmão e cada igreja, ao cantar o hino nº 577,



na segunda estrofe, se lembrar do LAPI, encontrará motivos de sobra para ajudar esta instituição.

Que Deus lhe dê, amigo leitor da nossa *Revista*, o que mais precisar e lembre-se sempre deste Lar que é também seu, e onde está

um grupo de irmãos e irmãs felizes, aguardando a vinda de nosso Senhor.

Ilídio Cottim
Utente do LAPI

ADRA: A Coragem de Amar

Amar é um acto que às vezes exige muita coragem. E coragem não falta aos membros da ADRA que trabalham em Angola e Moçambique. Aqueles com quem me encontrei em Luanda, em Setembro de 94 impressionaram-me bastante. A equipa de estrangeiros era composta por Enrique Battaller, de Stuttgart, pelo jovem casal Wallauer, do Brasil e por Iris Muller. As condições de vida são muito difíceis. A guerra, a ausência de higiene e de estruturas médicas, a permanente insegurança e os riscos de doença poderiam dissuadir qualquer europeu de viver em tais lugares. Mas a equipa

da ADRA é motivada pelo amor ao próximo que se exprime por acções

A ADRA emprega 120 pessoas em Angola, 80 das quais em Luanda.

Postos de Saúde

Foram estabelecidos 5 postos de saúde: em Dundo, Luanda, Malange, Huambo e Bongo. Quase todos se encontram em zonas de guerra. Cada posto tem a seu cargo 6/8000 pacientes e recebe da ADRA, cada cinco meses, 2,5 toneladas de medicamentos.

Distribuição de alimentos

Os dois centros que temos estão também em zonas de guerra: Malange e Huambo, distribuindo, cada um deles, alimentos a 6/7000 pessoas.

Em Luanda, a ADRA distribui duas vezes por semana sacos de farinha a milhares de refugia-

s filas de espera são impressionantes. Quatro postos na capital assumiram a responsabilidade de atender 30.000 pessoas durante os próximos seis meses.

aos Órfãos

guerra e a divisão do país criaram inúmeros órfãos. A Alemanha tem 300 destes órfãos a cargo e confia-os a famílias que recebem auxílio para esse efeito. Crianças foram colocadas em instituições especializadas. O cuidado aos órfãos é um dos grandes objectos da equipa da ADRA em Angola, que acha que deve fazer tudo o que puder para dar oportunidade aos que estão espalhados no mundo, que não têm família, por isso, presa fácil de uma espécie de infelicidade. Prepará-los para a vida, dando-lhes educação, instrução, alimento e um ideal de vida é uma das obras das igrejas que se podem levar a estes países martirizados da terra.

Cultura

Ajudar é uma coisa, ajudar os outros a se ajudarem a si mesmos é outra coisa completamente diferente. Para preparar o futuro, a Igreja projecta restaurar a prole do Bongo, para o que já tem a sua disposição 80 toneladas de cereais. Para a realização de outros projectos, a ADRA tem um orçamento de 2.600 milhões por semestre. O Início Europeia e diversas instituições internacionais financiam parte desses projectos. A Igreja é apreciada por todos e o trabalho constitui um precioso auxílio para a Igreja. Portanto, os adventistas de Angola representam não só uma igreja que envolve, mas também uma acção cristã que tem a capacidade de amar.

John Graz

Departamento de Comunicações
Berna, Suíça

CURSOS DE VERÃO. UMA OPORTUNIDADE PARA APRENDER NOVAS LÍNGUAS

Existe hoje um crescente interesse em aprender novas línguas. Os colégios adventistas da Europa, com uma experiência de várias décadas, apresentam-se como um espaço privilegiado desse ensino, no que são activamente apoiados pela Conferência Geral.

Todos os anos, cerca de 50 estudantes vão ao **Colégio Adventista de Sagunto**, no norte de Espanha, para aprender espanhol. Ana Fernandes é a directora do Departamento de Língua e Cultura Espanhola do CAS. O programa tem despertado muito interesse.

Em Collonges, no **Instituto Adventista do Salève**, é a Dra. Odete Ferreira, uma portuguesa, quem dirige o Curso de Verão para Estrangeiros. A sessão de 1995 está a ser preparada com todo o cuidado e estão já a ser testados novos e modernos métodos de ensino do Francês a adultos, onde as cores desempenham um importante papel na aprendizagem da língua.

No **Seminário de Bogenhofen**, na Áustria, a Dra. Beatrice Schmidtke, especialista em Alemão como Língua Estrangeira, coordena uma competente equipa de professores. No ano passado, assistiram ao curso de verão 50 estudantes, número nunca antes atingido, vindos de todo o mundo.

Em **Friedensau**, na Alemanha, há anos que a nossa instituição educacional de nível universitário ensina alemão a estrangeiros, mas como preparação para um restrito número de estudantes estrangeiros poderem seguir localmente cursos de teologia ou, mais recentemente, de assistência social. Karin Straube tem tido a responsabilidade deste ensino a este grupo tão internacional, procurando também, ao longo dos anos, aumentar o seu repertório de línguas, para poder explicar aos alunos, nos seus próprios idiomas, as particularidades da gramática alemã. Resultado do seu dedicado empenhamento: 20 pastores e professores de Bíblia em Angola e Moçambique que falam fluentemente alemão e constituem uma ponte entre a Europa e esses países africanos.

“**Villa Aurora**” é a designação do colégio adventista de Itália, localizado perto da cidade de Florença. É ali que a Dra. Marilena De Dominicis se encontra atarefada a preparar o *currículum* para um ano de estudo de Língua e Arte Italiana. Os pedidos de informação não cessam de chegar, após serem conhecidos os magníficos resultados do curso de verão, que reuniu 16 estudantes, na sua maioria americanos.

A Escola de Inglês do **Colégio de Newbold** é muito conhecida pela qualidade do seu ensino a estrangeiros. Dirigida também por uma senhora, Dra. Erica Hole, a Escola de Inglês organiza todos os anos cursos de verão, muito frequentados e com os melhores resultados.

Mas Newbold não é o único lugar onde a Igreja promove o ensino do inglês. Em adição aos fortes programas de inglês ministrados nos nossos colégios de **Praga** (Chéquia) e **Darmstadt** (Alemanha), em que os estudantes de secretariado e línguas aprendem inglês, francês e espanhol, temos voluntários adventistas norte-americanos que ensinam inglês em **Cluj**, na Roménia, e em Praga.

Um exemplo notável destes voluntários é a jovem Robyn Wheeler, de Hagerstown (EUA), que, após ter passado dois anos a ensinar inglês em universidades estatais chinesas, se encontra agora em Cluj, participando neste grande projecto da Igreja.

Ronald Stradowsky

Departamento de Educação da DEA

Uma Vida ao Serviço de Deus e do Próximo

SÓNIA USTER



Sónia Uster, uma irmã nossa, de nacionalidade suíça, esteve durante algum tempo na igreja de Lagoa, Algarve, onde grangeou grande estima. No dizer do irmão Esmeraldo Ferreira Morais, ancião da igreja, todos tinham dela “a melhor impressão, dado o comportamento humilde que a caracterizava”.

Algum tempo depois, esta nossa irmã partiu sozinha para Moçambique. “Antes de partir”, confidencia o ancião Esmeraldo Morais, a irmã Sónia “disse-me que sempre foi seu desejo fazer algo na causa do Mestre e sei que foi esse o desejo que a levou a Moçambique.”

Durante vários meses, pouco ou nada se soube da irmã Sónia Uster. Mas a igreja de Lagoa não a esqueceu e perto do Natal, mais precisamente a 9 de Dezembro, o irmão Esmeraldo conseguiu o endereço da obra adventista em Chimoio, Moçambique, e escreveu-lhe, com o intuito de a animar. Em carta de 28 do mesmo mês, mas recebida recentemente, o irmão Miguel G. Simoque, de Moçambique,

responde ao irmão Esmeraldo Ferreira Morais. Comunica-lhe o falecimento da irmã Sónia Uster e também a obra que ela, silenciosa, humilde e devotadamente, tinha levado a efeito. É esta carta que, por gentileza do irmão Esmeraldo, apresentamos aos leitores da *Revista Adventista*.

Com a sua publicação, queremos prestar homenagem a uma irmã nossa, de quem pouco sabemos. O próprio ancião da igreja de Lagoa diz que apenas “soube que ela tinha um filho, que não é da fé, assim como a sua nora, mas até agora não conseguimos localizá-lo”.

Por outro lado, subscrevemos as palavras do mesmo irmão, que afirma:

“Pelo que deduzo da carta do nosso irmão [Miguel Simoque], a RA é por lá também lida e seria, penso, de certo para os da fé naquelas paragens, de algum conforto, saber que a Igreja reconheceu o sacrifício da nossa irmã”. Eis a missiva de Moçambique:

Miguel G. Simoque
“Escola Confiando no Senhor”

C. P. 171 - Chimoio, Moçambique

Estimado irmão Ferreira:

Que o Senhor abençoe a sua família e esteja sempre consigo.

Sempre desejei escrever a um irmão da igreja de Lagoa, igreja que a nossa irmã Sónia amou, mas me faltou o endereço.

Tenho de lhe informar uma triste notícia:

A nossa irmã Sónia dorme em Cristo.

Foi no dia 22 de Abril deste ano que finda (1994) que ela perdeu a vida. Estive na sua cama de convalescença até ao último segundo. Pelo que presenciei, quero-lhe assegurar que veremos a nossa irmã Sónia naquele dia glorioso quando Jesus voltar.

Irmã Sónia chegou em Moçambique no dia 1 de Março de 1992, ficou 6 meses na minha cabana, onde juntos comíamos “xima” (massa feita de farinha de milho) e “matapa” (verdura de mandioca). Ela sempre se identificou com a classe desprivilegiada - objecto que a levou a vir a Moçambique - conforme ela disse.

Depois de 6 meses, foi residir numa pequena aldeia - Vauduzi - que dista 30 km da cidade de Chimoio, onde construiu uma Escola, que permanece até hoje com o nome de “Escola Confiando no Senhor”.

A Escola tinha 6 professores, contando com ela, que também dava aulas (Moral e religião).

É ali que se viu a verdadeira vocação, de servir os necessita-

dos. A zona não tinha escola secundária. Com a sua presença veio beneficiar grandemente aquela população.

A sua casa era um verdadeiro orfanato.

Durante a sua estadia em Moçambique ninguém viu uma ruga na sua testa.

A sua morte foi chorada por velhos, novos, pobres e ricos, adventistas e não adventistas, etc., etc.

Desejei pôr [a notícia] na Revista Adventista, mas como é difícil aqui em Moçambique, deixo a cargo do irmão Ferreira; para isso estou-lhe enviando a sua fotografia. (...)

Cumprimentos de
Seu irmão em Cristo
Miguel G. Simoque.

Estamos gratos aos irmãos Esmeraldo Morais e Miguel Simoque por terem trazido ao nosso conhecimento esta vida de amor e serviço ao próximo. Neste **Ano da Mulher Adventista**, faz bem ouvir este testemunho. Ele é para todos nós, crentes adventistas, uma verdadeira inspiração. Louvado seja o Senhor!
- M. R. B.

Já 150 anos? Comemorações em Vila do Conde

Comemorar é um exercício colectivo de memória(s), realizado através de acções que relembram, que evocam, que falam de.

Foi a 22 de Outubro de 1994 que comemorámos em Vila do Conde, como em todo o mundo

adventista, o surgir do movimento que (se) prepara (para) a segunda vinda de Jesus.

Quisemos preparar com tempo a alma e o coração para a solenidade do que íamos celebrar. Antecipámos, para o efeito, a semana de oração, que se desenrolou assim de 18 a 22 de Outubro de 94. Uma igreja precisa de estar unida nos momentos de reaproximação do seu Deus e é de joelhos que se alcança essa união: de joelhos dobrados, traduzindo na oração uma entrega por inteiro ao nosso Salvador; de

joelhos dobrados, em sinal de inteira humilhação perante o outro a quem queremos, ao lavar-lhe os pés; aliviar das fadigas de todos os caminhos e receber, sem reservas, no aconchego da nossa amizade. Juntos orámos a semana inteira e juntos celebrámos, na Santa Ceia, a morte de Cristo, reclamando o Seu poder. E foi assim, de alma clara e coração lavado que chegámos ao momento de glória dessa semana singular. Também nos tínhamos preparado para a alegria e ela aconteceu, de modo particular, quando recebemos na família da igreja, três novos membros, dois por baptismo e um por voto.

Mas a verdade é que a alegria tinha atravessado connosco toda aquela semana e saltava, de diferentes modos, dos nossos corações agradecidos.

Relembrar, evocar, falar de.

Falou-se da história deste movimento anunciador enfim da restauração da humanidade, relembraram-se os pilares sustentadores da esperança que nos faz viver, foram evocados hinos que, desde o berço, animam muitos de nós e

foi dada voz às vivas experiências de vida com Cristo que muitos quiseram repartir.

Aconteceu a festa, celebrou-se a alegria e até houve surpresas: o pastor Enoque Nunes entregou, com carinho, a cada membro (aos mais e aos menos assíduos), um certificado comprovativo da data do seu nascimento nesta família espiritual. E o nosso irmão mais velho já nasceu há 35 anos. Quanto tempo com Jesus!

E deste tempo que passa, das comemorações que se acumulam, das paragens que fazemos para reflectir, o importante é que perdue em nós, a não nos deixar sossegar, a mais definitiva de todas as questões: "E eu? Que faço do meu tempo para apressar o dia da vinda do nosso amado Jesus, Aquele que há-de vir tornar eterna a nossa alegria?!"

Departamento de Relações Públicas

da Igreja Adventista de Vila do Conde

Igreja de Sintra: Festa de Natal

Embora pequena na sua estrutura física, e também no número de membros, a igreja de Sintra mantém-se activa.

Assim, os jovens reuniram-se num projecto de trabalho virado para o exterior, através da uma festa de Natal. E aqui partilhamos a experiência levada a efeito no passado dia 22 de Dezembro de 1994, pelas 15 horas, no Centro de Dia de Algueirão-Mem Martins.

Nessa tarde ninguém poderia prever o que se iria viver, o entusiasmo cresceu e foi maravilhoso ver aqueles idosos cantando, juntamente com os jovens, os cânticos de Natal.

Os jovens colocaram-se ao dispor daquela instituição e foi com satisfação que oferecemos dois livros, *A Saúde pelos Alimentsos* e *A Saúde pelos Tratamentos Naturais*, além de uma assinatura da revista *Saúde e Lar*, assim como a dos *Sinais dos Tempos*.

Seguiu-se um lanche-convívio e no fim, a Dra. Júlia Maurício,

assistente social do Centro, agradeceu aos jovens da Igreja Adventista o programa de Natal, bem como toda a participação no lanche e a arrumação da sala de convívio.

Gostaria, como responsável, de agradecer de um modo especial aos jovens de Vila Chã que

nos ajudaram neste projecto, bem como aos membros de Sintra, pelo apoio neste trabalho para Deus.

Sónia Carrolo

Directora de jovens da igreja de Sintra

Aveiro: Concerto do Coral "Adventus" e Projecto "Conta Comigo"

O novo ano, em Aveiro, começou com música, muita música. Além das participações nas cerimónias de culto, a igreja ofereceu à cidade, como já vem sendo tradição, dois concertos, ambos no auditório principal do Conservatório de Música da Gulbenkian. Em ambos, a lotação esteve (quase) esgotada. E entre os muitos presentes, contavam-se irmãos de Sangalhos, Vila Nova,

Figueira da Foz, Canelas, Coimbra, Porto e, sobretudo, muitas visitas. Os concertos queriam-se também fortemente evangelísticos.

No dia 7 de Janeiro, o coral "Adventus", da igreja de Canelas, presenteou o auditório com um concerto de Reis, mas ainda com um toque de Natal. Em palco, foram tomando lugar, o coral jovem, o coral juvenil e, por último, o coral sénior. Terminaram todos juntos, cantando "Noite de paz", cântico repetido a pedido e em conjunto com que os que assistiam, numa atmosfera que nos prendeu a Jesus, o Rei dos Céus e da Terra.

No dia 14, os jovens do projecto "Conta Comigo", da igreja de Coimbra, vieram dizer-nos isso mesmo: que podemos contar com eles e, sobretudo, com Jesus. Foi



Coral Adventus actuando no auditório Gulbenkian de Aveiro



Parte da assistência ao concerto.

um concerto jovem, cheio de apelos evangelísticos, em que os muitos jovens membros deste projecto nos cativaram pela alegria com que cantaram “Voltará. Cristo em breve virá!”

E nós aqui, gratos às igrejas de Canelas e Coimbra pelo apoio

que têm dado à música no nosso meio, e aos seus jovens, dizemos bem alto: **“Ora vem, Senhor Jesus!”**

Pedro Fonseca
Pastor

Setúbal: Dia da Liberdade Religiosa

No passado dia 21 de Janeiro, comemorou-se na nossa igreja o Dia da Liberdade Religiosa. Não quisemos passar este dia sem que se fizesse algo de especial e assim, na parte da manhã, tivemos o culto cujo tema central foi “Tolerância e Evangelização”. Pudemos ver que, sejam quais forem as nossas convicções e o nosso conhecimento, o Senhor nos ama e quer a nossa salvação. Enquanto cristãos, necessitamos de adquirir profundas certezas, a saber, que o carácter absoluto de Deus e da revelação não são objecto de nenhuma dúvida. Transcrevo uma frase que julgo nos aju-

dou a entender a liberdade e tolerância: “A liberdade começa por uma interdição: a de impedir a liberdade de outrem.”

Da parte da tarde, tivemos oportunidade de assistir a um debate que reputamos de grande qualidade. Para o efeito, tivemos como convidados, da Igreja Adventista do Barreiro, o pastor Luis Nunes; da Igreja do Jubileu, o pastor Brissus Lino; da Diocese de Setúbal, o padre Costa Marques, e da Igreja Lusitana, o jovem Marcos. A moderar este debate esteve o pastor Daniel Vicente, da Igreja Adventista de Setúbal.

Foram várias as questões abordadas. Realçamos, particularmente, a que concerne a cedência, por parte das entidades governamentais, a “determinada organização religiosa” de igrejas, espaços para reuniões, verbas materiais, etc., quando o mesmo não acon-

tece para outras denominações religiosas. E só foi pena não estar presente alguém que pudesse fazer-nos entender a razão dessa discriminação.

Apraz-nos salientar também a intervenção do pastor Luis Nunes, que focou não só o amor de Deus pelos Seus filhos, como a liberdade de escolha que Ele concede a cada um.

Notámos com alegria que a igreja estava repleta de crentes in-

teressados no tema tratado. Já ia longa a tarde quando demos por terminado o nosso encontro. Provera a Deus que todos os que lá estivemos disséssemos, como Josué: “Escolhei hoje a quem, sirvais ... porém, eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

Arminda Pinto da Silva
Secretária da Liberdade Religiosa da igreja de Setúbal

Ilha Terceira, Açores: Notícias

No final do ano de 1994, tivemos algumas actividades nas nossas igrejas, entre as quais o projecto Natal Amigo. Nesta campanha de solidariedade, distribuímos 100 cabazes de Natal, beneficiando outras tantas famílias carenciadas.

Para este projecto, trabalhamos em colaboração com as Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, que nos deram as listas com os nomes das famílias pobres e cartas de recomendação. Obtivemos alguns apoios financeiros da parte de algumas Juntas e Secretarias de estado, que totalizaram Esc. 385.000\$00. No entanto, o maior apoio foi conseguido no trabalho realizado de porta-a-porta pelas igrejas, sendo alcançado um total de 860 kg. em géneros alimentícios.

No dia 18 de Dezembro realizámos a nossa festa de Natal no auditório da Escola Secundária, onde colaboraram professores e alunos do conservatório de música, sendo todo o programa transmitido em directo por uma rádio local. Após o programa, os 100

cabazes foram entregues às famílias a quem eram destinados.

Todo o projecto teve a cobertura do programa Interajuda, que apresento no Rádio Clube de Angra, e foi notícia nas diferentes rádios e jornais locais. Tivemos também a oportunidade de conceder uma entrevista que ocupou três páginas no Jornal *Expresso das Nove*, em que falámos da nossa esperança na vinda de Jesus.

A Igreja Adventista sempre gozou de uma boa imagem nesta Ilha. Com todo este trabalho, creio que continua a merecer da parte da população e autoridades locais a melhor credibilidade e respeito.

Os contactos têm-se sucedido. Tudo isto despertou o interesse de uns e a curiosidade de outros. As Dorcas também organizaram um plano de visitação às famílias que foram contempladas neste Natal. Estudos bíblicos e classe baptismal são parte do trabalho que continuamos a desenvolver e cujos frutos vão acontecer já no próximo mês.

Jorge Machado
Pastor das igrejas da Ilha Terceira, Açores

Aguardando a Ressurreição

Alzira Cardoso

Cantaram para ela adormecer em paz

Subitamente, no verão passado, a nossa querida irmã Alzira Cardoso adoeceu gravemente.

A doença, que evoluiu com rapidez, encontrou nela uma mulher sossegada e cheia de confiança em Deus: íamos visitá-la, no intuito de a animar e éramos nós que vínhamos animados.

Na igreja de Vila do Conde nunca vamos esquecer a sua alegre disponibilidade para o trabalho, a sua presença assídua e sobretudo a sua fidelidade no estudo diário da Bíblia apesar de... não saber ler! Quantos vizinhos, amigos e familiares leram a Bíblia para a irmã Alzira poder estudá-la.

Foi na casa de uma filha que a irmã Alzira passou o último sábado da sua vida. Estávamos a 1 de Outubro de 1994. Esta sua filha, não sendo adventista mas querendo tornar a mãe feliz, nesse sábado de manhã pediu a alguns membros da igreja de Matosinhos, onde habitava, que viessem visitar a doente.

Contam os filhos da irmã Alzira que eles vieram e durante algum tempo cantaram e oraram. Os lábios da nossa irmã desenhavam palavras, como quem quer também cantar, o seu rosto transmitia bem-estar. Depois deste momento de comunhão, a doente, que até aí estivera visivelmente afectada pelas dores, ficou muito serena e... adormeceu.

Terão sido apenas homens ou seria a voz dos anjos que a nossa irmã ouvia e que vieram cantar para ela adormecer em paz?

Departamento de Relações Públicas

Igreja Adventista de V. do Conde

Domingas Claudino

Depois de longos anos de doença e sofrimento, deixou-nos, no dia 24 de Dezembro passado, a nossa já saudosa irmã Domingas Claudino.

Ela era um ponto de referência para toda a igreja de Leiria, pela sua bondade, pela sua plena consagração ao seu Deus. Sempre encontrávamos no seu sorriso, nas palavras carinhosas e cheias de amor pelos irmãos, o conforto e o carinho de alguém profundamente querido.

Deixou-nos sem ver realizado o seu grande sonho, que era ver o marido e o filho aceitarem a fé que ela abraçara nas longínquas terras de Moçambique, baptizando-se, porém, em Lisboa, quando, desenganada pelos médicos de lá, veio à metrópole em busca de melhoras.

Esperamos que as suas orações tenham um dia resposta e que o marido e filho se preparem para o "encontro marcado" que todos teremos com o nosso Senhor Jesus Cristo, e que então possam rever a sua esposa e mãe.

Nós, seus irmãos da igreja de Leiria, também aguardamos ansiosos esse reencontro.

Júlio Cardoso

Pastor de Leiria e Vale Travelho

Isalina Pais Esteves Costa

Foi na manhã do dia 8 de Fevereiro que recebemos a notícia do falecimento da nossa querida irmã Isalina Costa, esposa do irmão Manuel Costa e mãe do primeiro ancião da igreja de Lieria, irmão José Manuel da Costa. Nascida a 12 de Setembro de 1907,

foi baptizada na igreja central de Lisboa em 26 de Junho de 1954. Deixou-nos, portanto, com a idade de 87 anos.

Os últimos anos da sua vida não lhe permitiam quase sair de casa, devido à doença, mas estar na sua presença era uma inspiração, pelas palavras de carinho e de grande amor para todos os que a visitavam. Saíamos sempre reconfortados.

É doloroso perder os nossos queridos e todos os irmãos do Grupo de Vale Travelho, a família, que sempre a rodeou de cuidados e atenção extremos, e os amigos de perto e de longe estão

conscientes de que estão mais pobres com esta perda. Mas temos a certeza que a manhã da ressurreição chegará brevemente e Deus nos dará os nossos queridos.

O signatário conduziu as exéquias fúnebres em casa, e no cemitério foi o pastor Paulo Mendes que o fez. Ficamos aguardando o dia em que a família Costa reverá o seu ente querido. E assim se cumprirão as palavras de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida; que crêm em mim, ainda que esteja morto, reviverá."

Júlio Cardoso

Pastor de Leiria e Vale Travelho

DESEJA APRENDER OU PRATICAR A LÍNGUA FRANCESA?

- Obter um diploma mundialmente reconhecido, *Alliance Française*;
- Obter um diploma oficial do Estado, *Diplome Approfondi de Langue Française*;
- Beneficiar dos mais modernos métodos de ensino;
- Viver no mais belo recinto educacional adventista;
- Viajar através da Suíça, Itália, Alemanha, Áustria e França?

Então, venha a Collonges, **Uma Escola no Coração da Europa**

Curso de Verão: 18 de Junho a 28 de Julho de 1995

Ano Académico: 3 de Setembro de 1995 a 2 de Junho de 1996

Para mais informações, escreva a:

Odete Reis Ferreira

Directora

Institut de Langue Française

Institut Adventiste du Salève - BP 74

74165 COLLONGES SOUS SALEVE, França

Reconstrução do Colégio Adventista de Lisboa

Enfim, graças a Deus!

Entre os meses de Agosto e Dezembro de 1994, realizaram-se as obras de reconstrução e remodelação do Colégio Adventista de Lisboa (CAL), tornando realidade o sonho e a absoluta necessidade de se possuir em Lisboa uma escola com instalações dignas do ensino adventista.

Os trabalhos dependeram do apoio financeiro mundial e nacional. Parte da oferta do 13º Sábado, levantada no primeiro trimestre de 1992, assim como a “oferta de sacrifício” reunida em todas as igrejas de Portugal no sábado 28 de Março de 1992, permitiram efectuar a recuperação do edifício da escola e adquirir o equipamento mínimo necessário. Colocou-se, assim, em execução o que tinha sido planeado e estudado para a remodelação, beneficiação e recuperação das instalações da escola (ver *Revista Adventista* de Fevereiro e Março de 1002). Dada a boa localização da escola e a inviabilidade económica de um projecto fora da cidade, fez-se

uma opção que foi aceite como prudente e coerente: dignificar o património existente.

Foi há cerca de 20 anos que a Igreja Adventista em Portugal adquiriu o alvará do Externato Infanta Dona Joana, o actual CAL, a funcionar num edifício alugado, na Rua de Ponta Delgada, nº 1, em Lisboa. Em 1984 concretizou-se a aquisição do edifício, tendo em vista realizar obras de beneficiação no prédio centenário que já ia apresentando sinais evidentes de degradação, apesar das obras regulares de manutenção efectuadas.

Agora, finalmente, atingimos esse objectivo. A história da obra de Deus neste mundo tem mostrado que uns lavram e preparam a terra, outros semeiam, outros regam e cuidam do desenvolvimento da planta e dos frutos, e outros, ainda, têm a tarefa de colher e juntar, para fazer produzir, reiniciando um novo ciclo. A reconstrução da escola de Lisboa é um exemplo desse processo.

Graças a Deus pela colabora-



Depois das obras. Uma sala de aula.

ção e empenhamento de todos, no passado e no presente, a fim de dar continuidade à obra de educação adventista em Lisboa, onde nasceu a primeira escola adventista há 60 anos: “Restaurar no homem (criança ou jovem)

a imagem do seu Criador”. Esta tarefa ainda não está concluída.

Ezequiel Quintino

Departamento de Comunicações da União Portuguesa



Durante as obras. O rez-do-chão visto da cave.

ALMOÇO-CONVÍVIO Jovens da «Velha-guarda»

TOMAR, 21 de Maio de 1995

Desta vez vamos até ao Pinhal do Marraneta, para matar saudades. Vamos rever amigos, reviver situações e episódios antigos, reafirmar o nosso companheirismo e a nossa fé no advento.

A concentração far-se-á em Tomar, onde também terá lugar o almoço.

A todos os «jovens» interessados, pedimos que aguardem notícias e que contactem, desde já:

Zona Norte: ANTÓNIO SALAZAR SIMÕES

R. Dr. Gaspar da Costa Leite, lote 193
4430 OLIVEIRA DO DOURO - V. N. GAIA
Telef. 02/7828848

Zona Centro e Sul: JORGE PIRES

Rua Comandante Ferreira do Amaral, 19, r/c esq.º
2700 AMADORA • Telef. 01/4939517

INSCRIÇÕES ATÉ 30 DE ABRIL

CONTAMOS CONSIGO. NÃO FALTE!